

# O CINEMA DE MEUS OLHOS

1991

VINICIUS  
DE MORAES

ORGANIZAÇÃO,  
INTRODUÇÃO E NOTAS  
**CARLOS AUGUSTO CALIL**

3ª EDIÇÃO AMPLIADA

**COLEÇÃO**  
**VINICIUS DE MORAES**  
COORDENAÇÃO  
EDITORIAL  
**EUCANAË FERRAZ**

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by V. M. Cultural

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Fotos de capa

Acima: Cinemateca Brasileira (SP).

Frame do filme *Limite* (1931).

Abaixo: DR/ Acervo V. M. Cultural

Pesquisa

Alex Viany

Vera Brandão

José Castello

Carlos Augusto Calil

Preparação

Alexandre Boide

Revisão

Carmen T. S. Costa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Moraes, Vinicius de, 1913-1980.

O cinema de meus olhos / Vinicius de Moraes; organização

Carlos Augusto Calil. — 3ª ed. ampl. — São Paulo :

Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2665-1

1. Apreciação crítica — Cinema 2. Cinema 3. Moraes, Vinicius de, 1913-1980 — Crítica e interpretação I. Calil, Carlos Augusto, 1951-.

II. Título

---

15-10396

CDD-791.4375

Índices para catálogo sistemático:

1. Cinema : Apreciação crítica 791.4375

2. Filmes cinematográficos : Apreciação crítica 791.4375

[2015]

Todos os direitos desta edição  
reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## SUMÁRIO

### **tela em branco**

Com sua permissão, Vinicius de Moraes..., por Carlos Augusto Calil 18

### **prefácio à terceira edição**

O Cinema dos olhos da Poesia..., por Carlos Augusto Calil 29

### **O MUNDO É O CINEMA**

O bom e o mau fã 47

Velhas coisas do cinema 48

O cinema e os intelectuais 50

Duas gerações de intelectuais 52

Que é cinema? 54

O sentido da palavra produtor 56

Considerações materiais 58

Do ator 59

Ritmo e poesia 62

Abstenção de cinema 64

Crônica de fim de ano 66

### **ALUCINAÇÃO DE FÍSICOS E POETAS**

Definição de uma atitude crítica: cinema mudo e cinema falado 69

Carta ao físico Occhialini 71

Segunda carta ao físico Occhialini, caso ele ainda não tenha partido,  
ou outramente, a quem quer que sinta como ele 73

Resposta a um leitor de Belo Horizonte 75

Abrindo o debate sobre o silêncio em cinema 77

Vinicius de Moraes no pico da Bandeira, por Ribeiro Couto 81

Discutir o quê?, por Otávio de Faria 86

Uma carta anônima 87

Brinquedo quebrado, por Ribeiro Couto 90

O cinema vale ou não vale qualquer sacrifício?, por Plínio Sussekind Rocha	94
O debate está vivo	97
Entrevista com Joana d'Arc	99
Os estetas da tartaruga contra a evolução da técnica, por Ribeiro Couto	103
Notícia sobre a polêmica do Rio, por Paulo Emílio Sales Gomes	108
Dois poetas e um problema de estética, por Múcio Leão	122
Cinema silencioso é uma conquista futura	127
O Brasil já tem um Clube de Cinema!	130
Alucinação de físicos e poetas, por Ribeiro Couto	135
A realidade da vida, com seus rumores múltiplos, por Aníbal Machado	140
Esclarecendo, por Humberto Mauro	145
Em favor duma causa sem esperança, por Otto Maria Carpeaux	151

## **ORSON WELLES, CIDADÃO BRASILEIRO**

<i>Cidadão Kane</i> , o filme-revolução	155
<i>Rosebud</i>	158
Orson Welles no Brasil	161
Traços da sua personalidade	162
Orson Welles em filmagem	165
Necessidade de dizer	167
Exibição de <i>Limite</i>	170
A propósito da crônica "Fracassou o filme de Orson Welles?"	173
O coração do mundo	176
O favor dos elfos	177

## **HOLLYWOOD É O DIABO**

Hollywood impenetrável	181
Xarope duro de engolir	182
<i>Dois contra uma cidade inteira</i>	184
<i>Uma noite no Rio</i>	186
A carta, entre o cinema e a literatura	187
<i>O mundo é um teatro</i>	191
História de um beijo	193

*Os homens da minha vida* 194  
*Um amigo que poderia ser um pai* 196  
*Esse King Vidor, quem poderá explicá-lo?* 198  
*Vinicius em Pompeia* 200  
*A morte de Buck Jones* 201  
*A influência de Wyler* 203  
*O mundo normal de Hawks* 206  
*Pato patético* 209  
*Salas cheias de espelhos* 211  
*Os banquetes de Sam Wood* 215  
*Em cada coração um pecado* 217  
*Crítica inútil* 219  
*Laços humanos* 221  
*A mulher que não sabia amar* 223  
*A greve em Hollywood* 225  
*Não são muitas as Sensações de 1945* 226  
*Serenata prateada* 227  
*Nada de novo no front* 229  
*O ódio é cego* 230  
*Smorgasbord* 232  
*O clamor humano* 233  
*Nasci para bailar* 235  
*Tarará-tchim-bum-bum-bum* 236  
*Rastro sangrento* 237  
*Rio Bravo* 239  
*O netinho do papai* 240  
*Rouxinol da Broadway* 242  
*Jezebel* 243  
*Hitchcock e Pacto sinistro* 245  
*Mack Sennett: pai de Chaplin e avô do biquíni* 247

### **ALGUMAS MULHERES, OUTRORA AMADAS...**

*Outros tempos* 261  
*Mulher de cinema* 266  
*Ser misterioso e desordenado* 268

Presença carnal	269
Discussão curiosa	273
Brincando com Olivia e Paulette	276
Os amigos de Lupe Velez	279
A mulher e a Lua	280
Pobre Carole!	282
Amor de mosqueteiro	285
Carta aberta a Lena Horne	287
Fabulosa garotinha de cabelo para-brisa	289
Margozinha	290
<i>A favorita dos deuses</i>	291
<i>Ver-te-ei outra vez?</i>	293
Variações sobre Greer Garson	294
A vênus do ano	296
Uma mulher, outrora amada...	297
Silvana Mangano	300
Com sua permissão, Sir Laurence Olivier...	301
Pier Angeli	303
Provocação? Não, poeta Carlos! (é que outro valor mais alto se alevanta)	304

## **FITAS E FITEIROS**

Fitas e fiteiros	309
<i>Romance de circo</i>	314
Todo mundo tem pena	315
Falta de assunto	318
O cinema e a mágica	320
Leslie Fenton, o ator mais independente do velho cinema	321
<i>A mulher do dia</i>	323
Reverendo um velho álbum de artistas	325
<i>O espião invisível</i>	334
O pescoço de Rosalind	337
Grã-finaria grã-fina	338
<i>Deliciosamente tua... Ah!... Me deixa...</i>	339
O não senso e a falta de critério	341

Sansão Mature & Dalila Lamarr 343  
Nem ninfa, nem nua 344  
Pombo com arroz 345  
Nós, os vagotônicos 347  
*Depois da tormenta* 348  
Variações em torno de um tema chatíssimo chamado Jane Powell 351  
Cartas de fãs, mas não meus 353  
*Minha cara-metade* 355  
UH-UHUUHUUH-UHUUHUUH! 356  
Três atores 359  
*Amor pagão* 363

### **O MACABRO EM CINEMA**

A propósito de *Os mortos falam*, com Boris Karloff,  
e *A máscara de fogo*, com Peter Lorre 366  
*O fantasma de Frankenstein*, com Lon Chaney Jr. 368  
*Sangue de pantera* 369  
Carta a Marta, com perdão da rima 374  
A volta da Mulher Pantera 375  
*A dama e o monstro* 378  
Experiência em macabro 380  
A coisa 383

### **BANHO DE CINEMA**

*48 horas!*, de Cavalcanti 389  
A inteligência plástica de Jacques Feyder 390  
Três filmes europeus 392  
*Ivan, o terrível* 404  
A propósito de Flaherty 405  
Fotografia que mata 407  
A volta do *Terceiro homem* 408  
Os onze grandes do cinema 410  
*Rashomon* 411  
A asa do arcanjo 412  
*Hiroshima, mon amour* 413

## **TERRA DE CINEMA**

- Recordando o Chaplin Club 417  
Crônicas para a história do cinema no Brasil 419  
Os jornais de cinema 431  
Ar geral de insatisfação 433  
As novas possibilidades 434  
Grandeza de Otelo 435  
*Moleque Tião* 437  
Um pouco do povo 440  
Pela criação de um Cinema Brasileiro 441  
*Segura esta mulher* 443  
Deu terra? 445  
*Coisas que incomodam...* 446  
*Terra é sempre terra* 448  
Gilberto Souto é um Pato Donald 452  
Um homem do meu lado esquerdo 454  
*Maria da praia* 456  
*Susana e o presidente* 458  
*O comprador de fazendas* 459  
Barnabé, Oscarito e Grande Otelo 460  
É um abacaxi, mas... 464

## **CARLITOS PERTENCE AO POVO**

- Lembrando Carlitos 467  
*Em busca do ouro* 468  
*Luzes da cidade: o anjo da paz* 472  
*Luzes da cidade: o perfeito cavalheiro* 473  
*Luzes da cidade: o grande amoroso* 475  
*Luzes da ribalta* 477  
Chaplin no Brasil... 478



**índices**

Dos textos 482

Das obras citadas 487

Onomástico 494

**cronologia** 503

**créditos das imagens** 508

**O MUNDO  
É O CINEMA**

## O BOM E O MAU FÃ

Ser bom fã não é só gostar de ir ao cinema. (Cf.: O sertanejo é, antes de tudo, um forte.) É preciso também saber ir ao cinema. O sujeito, por exemplo, que senta muito longe da tela tem para mim o estigma do mau fã. A dignidade é sentar nas dez primeiras filas, variando a distância conforme o cinema a que se vai. No Metro, a boa fila é a quinta. Distância justa, a imagem bem no foco visual; perfeito. Já no São Luís gosto mais da terceira. São coisas. Agora: da décima fila para trás é positivamente indigno. Esses sujeitos então — a não ser em casos de força maior — que sentam lá nas cadeiras do fundo me dão sempre uma impressão suspeita de que vieram ali para fazer quinta-coluna. Há, desses, uns fabulosos. Primeiro, se instalam para acomodar a vista. Pouco a pouco vão saltando, tal salmões, ao sabor das tentativas escusas junto às nereidas solitárias, até as filas da frente. Aboletam-se por várias vezes ao lado de inúmeras senhoras. Agora, o grande traço do mau fã é falar no cinema. O indivíduo, ou indivíduo, que fala durante a projeção merece a força. E os há de variadas espécies. Há os que leem alto os letreiros, e esses são a peste. Há os sonambúlicos, que murmuram contra o vilão, torcem pelo “mocinho”, avisam o herói do perigo que o espreita, engolam pequenas frases a propósito de determinadas atitudes da heroína. São fãs idióticos, menos cacetes, às vezes até gozados. No entanto, dentro do tipo em epígrafe, o mais irritante é o que chuchota histórias que nada têm a ver com o que se está passando ali. É uma especialidade de mulheres, que vão com amigas ao cinema, para fazer hora. “Porque dona fulaninha disse, patatá-patatá, nhé-nhé-nhé, au-au-au, ela está com um vestido, minha filha, um AMORR!” Aí a gente vira a cabeça para trás, olha a faladeira, pensa mal dela, pigarreia e volta à posição normal. O cacarejo se *smorza*, mas é por pouco tempo. Mulher tem uma facilidade fabulosa para passar por cima dessas coisas. É um animal de repetição. Se possui o mau hábito de não ter o dinheiro pronto na hora de

saltar do ônibus, repeti-lo-á pelo resto da existência. É inútil. Trinta e duas pessoas com pressa que esperem. Outro mau fã de grande vulto é o que senta nas cadeiras da esquerda ou da direita, ficando de três quartos para a tela. São sujeitos que têm vocação para tabela. O chupador de caramelos é outro. É tchoc, tchoc, tchoc no ouvido da gente, como se estivesse andando na lama ou coisa parecida. O fã cuidadoso para desembulhar balas também é um errado. O barulho do papel desembulhado devagar é muito mais irritante que o de desembulhar rapidamente e acabou-se a questão. E os casais enamorados, que desgraça! “Você gosta de mim?” “Gosto!” “Mas gosta mesmo?” “Mesmo!” “Muito?” “Muito!” “Mas jura?” “Juro, juro e juro, pronto, tá satisfeito?” Depois, dois suspiros fundos como os cariocas no último jogo com os paulistas (eu sou carioca, vejamos lá!). E recomeça: “Mas você gosta mesmo?... Etc...”.

A fauna é grande. Poderia citar muitos outros casos. Mas percebi, de repente, que nada disso tem a menor importância diante da lua que está no céu. Preciso apagar a luz, ficar quieto vendo a lua. Sou um bom fã de cinema, mas muito maior da lua. Hoje ela está cheia e ausente, imparticipante. Me perderei de tudo, olhando a lua.

1943

## VELHAS COISAS DO CINEMA

Quem se lembra de uma fita chamada *El Dorado*, que só mais tarde soube tratar-se de um clássico da arte, exibida faz muito tempo no Central, hoje também Eldorado (onde se entrava com uns ingressos de carona e onde cantava a tanguista La Argentina), quem se lembra? No final havia um suicídio impressionante, a mulher enterrando um vasto punhal no seio, bem devagarinho, e o sangue que lhe espirrava no pescoço, no rosto, uma coisa horrível de ver, quem se lembra?

Lembro-me que passei uma noite de cão, com “cochepes” negregados, onde flutuava aquela mulher branca, os

olhos nadando nas olheiras, o seio meio nu, as duas mãos apertadas no cabo do punhal, vou-te!

Eu tinha uns doze ou treze anos. Quem se lembra, então, de *Atrás da porta*, fita tão velha que nem sei onde a vi, com um sujeito que era esfolado vivo atrás de uma porta pelo velhíssimo Bosworth (se é que se escreve assim...). Falou-se tanto na crueza dessa cena! Mentiu-se tanto! Um tio meu contou-me (e eu me deixei ficar a ouvi-lo, porque coisa boa é uma boa mentira...) que eu não vira tudo, não, não pensasse... Que o capitão, depois de esfolar o sedutor, arrancava-lhe a pele às tiras, como quem descasca uma banana, mas que a censura tinha cortado... Falou-me mesmo em alguém a quem se teria assassinado, em Hollywood, para conseguir um maior realismo; ninguém se lembra?

E de *She*, com Betty Blythe, quem se lembra? A deusa, que também foi rainha de Sabá, aparecia de barriga de fora, e tinha o umbigo mais bonito que jamais se viu. Ao deixar de ser *she*, punha-se a rodar como um pião. E quem se lembrará de uma fita do Valentino com a formosa Dorothy Dalton (que o povo chamava “Dorotí Daltôn”), inidentificável para mim, e que se passava no polo, a bordo de um velho cargueiro prisioneiro dos gelos? Tenho na memória uma cena em que o par ficava fechado no interior do navio devido a uma avalanche, e havia então um negócio de falta de ar, ó *boy*, que deu dispneia em todo o cinema.

Por falar em falta de ar, quem se lembra da primeira fita de submarino, que, acho, chamava-se *Submarino* mesmo, com Bancroft, se não me engano, e que quase mata meu avô, então muito cardíaco, coitado, ao lhe narrar eu a cena da tripulação morrendo asfixiada no fundo do mar? E, já que Bancroft está em jogo, quem se lembra de *Docas de Nova York*, com Betty Compson e ele, ele quebrando a cara de todo mundo? Que grande fita! Direção de Sternberg... Mas isso não vem ao caso. Vem ao caso Evelyn Brent, ainda com Bancroft, em *Paixão e sangue*, lembram-se? Que mulher! Lembram-se da sua boca

pintada em coração? Lembram-se da luta final com o velho Fred Kohler, um dos sujeitos mais fortes que já nasceram e cujo triste destino em cinema, fora alguns filmecos que dirigiu, era ser saco de pancada de mocinhos?

Mas briga de fato havia em *Ouro e maldição*, o imortal silencioso, naquela cena final dos dois homens no deserto, lembram-se? Saía-se do cinema com uma vontade assassina de esganar alguém, rapidamente, num canto de rua. Briga boa também era aquela de Pat O'Brien, já no falado, num filme da Universal de Edward Cahn, cujo nome me passa, maravilhosa como movimentação de câmera, lembram-se?

Quanta coisa! Fossem todas lembradas, e essa crônica inventaria uma dúzima de palavras, de memórias, de pequenas coisas eternas. O beijo de Jannings em Lya de Putti, por exemplo, em *Variété*. Três rugas paralelas, perfeitamente paralelas, no pescoço de estátua de Brigitte Helm, ao se voltar para olhar seu amante, em *Atlantide*. Os pés de Raquel Torres, no *Deus branco*. O busto nu de Hedy Kiesler, hoje Lamarr, em *Êxtase*. A inesquecível cena de *Asphalt*, quando Dita Parlo, com um pulo de gata, monta na cintura do jovem polícia, e a máquina desce para só se ver seu pé nu, verdadeira presa, fincado na perneira brilhante...

Não terminarei essa crônica com o clássico “mais vale esquecer”. Não, é preciso lembrar, lembrar sempre. Pois, se o Cinema continuar como está, só mesmo o legado de nossas lembranças alimentará qualquer futura história do Cinema. Porque se eu pegar algum dia minha filha dizendo: “Lembra-se do ...*E o vento levou?*”, eu... eu sou bom pai, mas, numa hora dessas, eu não sei, não...

1942

## O CINEMA E OS INTELLECTUAIS

O cinema, arte essencial, sofre até hoje — e parece incrível — de uma situação equívoca ao lado de suas definitivas irmãs mais velhas. Guardam-se as pessoas de julgamentos

abertos ante essa forma jovem, e a naturalidade com que entram num cinema e dele saem, como quem se desenfastia, é um índice da estupidez perigosa deste tempo ruim em que vivemos. Nada mais característico que esse desinteresse, ou melhor, essa inconsciência, esse comodismo, com que o mundo olha a beleza de uma imagem, o seu patético, a sua riqueza interior, tão rica que uma vez descoberta passa a ser como uma máquina de sonho, que se tem sempre presente no pensamento e que transforma e imobiliza cada instante vivido em Cinema, no melhor Cinema íntimo.

Outro dia eu estava pensando nisso. Machado de Assis nunca chegou a ver um filme de Carlitos! Imagine-se como Machado não amaria Chaplin e que grande cronista de Cinema não daria ali. Tenho certeza de que ninguém sentiria melhor o que há de pungente, de inocente, na personagem de *Em busca do ouro*; que a poucas pessoas emocionaria mais a imagem adorável de Carlitos esfaimado fazendo um ensopado eufórico dos próprios sapatos, e chupando *en gourmet* os pregos da sola com a delícia de quem manipula um espargo ao vinagrete.

Machado apreciaria um bom Cinema de outro modo que não Rui Barbosa, que foi um fã, mas um fã majestático, indo ao seu “Patezinho” como quem dá uma ilustre escapulida, entre dois notáveis pareceres, e como que em descanso de espírito, antes de uma vista às Ordenações. O Cinema nada deu ao Rui, nem Rui ao Cinema. Machado, sim, e eu garanto como teríamos hoje mais um excelente volume para acrescentar aos tantos da mísera e horrenda edição Jackson.

O intelectual — que burguês maior? — tem medo de se pronunciar sobre Cinema. Quando o faz, é como quem condescende, entre esforçado e cauteloso, pondo os seus ovos de ouro em ninhos de sutilezas. E a arte é tão simples e humana! Pode-se vê-la, livre e ardente, mesmo entre as munificências de que a circundaram os seus Mecenass de fancaria. Que erro do intelectual, de lhe soprar beijos assim de longe,

quando ela precisa da ousadia dos machos que queiram ir fecundá-la no seu próprio chão, sem muitas palavras, com um infinito de imagens...

Lênin o soube, e o predisse, quando ordenou aos cineastas russos que se empenhassem a fundo na arte nascente, certo de que ela criaria um mundo novo para a doutrina por que se batia e que, como homem, queria ver dignificada. Mas entre o intelectual e Lênin vai o mar...

1941

## **DUAS GERAÇÕES DE INTELECTUAIS**

Não será o interesse pelo Cinema como arte um sinal da profunda diferença que marca as duas gerações de intelectuais hoje existentes no Brasil?

Lembra-me que a coisa ocorreu-me a primeira vez quando, uma noite em Copacabana, conversava com Pedro Nava e Rodrigo M. F. de Andrade. Rodrigo falava sobre a sua geração, apontando-lhe os valores e os erros, com aquela precisão e clareza verbal que fazem dele o mais perfeito *tricheur* de todas as caças que lhe levam seus amigos mais sinceros. Porque nunca a nenhum de nós passou fazer nada de importante sem antes consultar Rodrigo e ouvi-lo a respeito. Manuel Bandeira disse dele, num poeminha onomástico que é uma joia, a coisa de mais verdadeiro e mais extremo, chamando-o “o amigo perfeito”. Rodrigo é isso: o mais digno, fiel e fatal de todos os amigos.

Sua geração não é uma geração de visuais. No fundo são homens que se caceteiam com Cinema, que têm mais o que fazer, gente bastante desencantada e trancada em si mesmo, ou que — seres fundamentalmente líricos — só gostam de Cinema em termos de Poesia ou de Romance, coisa que revela melhor que nenhuma outra o desconhecimento essencial, o desinteresse desse grupo viril, áspero e velhaco de brasileiros pela arte da imagem em movimento.

É realmente curioso. Um por um, podemos passá-los to-



dos, invariavelmente. Meu primo Prudente de Moraes, neto, a quem sucedi na antiga Censura Cinematográfica, como representante do Ministério da Educação, não é um cinemático. Em Cinema, ama a Poesia, como em tudo. É o tipo do fã bissexto, como o poeta nele (apenas o poeta: que grande!). Imagine-se um fã que não entra num cinema porque Bette Davis causa-lhe um desagrado alérgico...

Rodrigo é outro que praticamente não vai a cinema. Nada há nele dessa fatalidade de fã que há num Otávio de Faria ou num Plínio Sussekind Rocha. Essa falta de necessidade do cineminha à noite, vamos encontrá-la também em Augusto Meyer ou em Carlos Drummond de Andrade. Seu interesse é fortuito como um eco de outros interesses. Não há neles vocação. São homens para dentro, parados sobre um cinema íntimo, sem mais paciência para essa espécie de extroversão que o Cinema pede. Serão, no máximo, poetas que vão ao Cinema. E têm essa marca do mau fã: são capazes de sair em meio a um filme, quem sabe de cochilar na cadeira?...

Ribeiro Couto foi, até certo ponto, uma revelação para mim, com o interesse manifestado nesse debate que passou.\* Me parece, no entanto, que a qualidade do gosto de Ribeiro pelo Cinema é de pura evasão lírica. Quanto a meu amigo e médico Pedro Nava, este é um antivisual, um acinemático completo. Tudo em Nava é complexo poético. Ele gosta, nos filmes, justamente do que eles têm de menos Cinema, de mais anedótico, inteligente, rabelaisiano.

E assim por diante. Vejam o poeta e escultor Dante Milano: onde o Cinema naquele lirismo? Lúcio Costa, por exemplo: um artista completo, um homem cuja vida é uma força e um exemplo, ser digno e íntimo, a um tempo esquivo e fraterno. Que é do Cinema naquele visual? Portinari: outro. Um grande visual sem Cinema. Joaquim Cardoso, dos homens dessa geração, é talvez o que tem um conhecimento mais intuitivo

\* Ver "Alucinação de físicos e poetas", p. 135 desta edição.

de arte. Cardoso conhece Cinema. O mestre Gilberto Freyre não é um cinemático de todo. Nem a escola do Recife não é cinemática tampouco. Nem os romancistas do Norte não são cinemáticos tampouco. Onde o Cinema num Graciliano, num José Lins, num Amando Fontes? Rachel de Queiroz é a única que vi se interessar por Cinema com um certo movimento de curiosidade pela arte em si: mas Rachel é da minha geração (palavra antipática, geração, mas não há outra).

Há, entre eles, dois ou três homens que realmente sentem e conhecem Cinema: Murilo Mendes e Aníbal Machado, especialmente, sobretudo o segundo que, esse, estuda e é bom fã. Aníbal Machado me parece a grande exceção.

Por isso, acho fatal que a Cinematografia brasileira, se deve haver uma, nasça dos intelectuais da geração de Otávio de Faria e não da de Alceu Amoroso Lima. Não creio que nenhum desses homens de que falei pudesse fazer um bom roteiro, construir direito uma continuidade ou dar ritmo cinematográfico a uma sucessão de imagens. Olhariam no olho da câmera com uma curiosidade *bonne enfant*, como quem quer ver a lua atrás de um periscópio. E isso vem muito da influência da época em que melhor viveram e criaram, da sua juventude boêmia e sem cinema, do seu regionalismo, do seu amor à forma, à descrição, à qualidade anedótica da palavra. Há essa separação profunda entre a geração deles e a minha. Mas isso não deixa lugar a nenhuma separação, pelo menos do meu lado. Sou grandemente ligado à afeição de tantos desses grandes irmãos mais velhos.

1942